

O agronegócio é o seguinte

A bolha nos preços das *commodities* agrícolas

O ESTOURO da crise financeira em setembro de 2008, com a quebra do Lehman Brothers, nos Estados Unidos, até então o quarto maior banco de investimentos no país, teve repercussão mundial. Naquela oportunidade, as cotações das *commodities* agrícolas, que experimentavam um formidável *boom*, tiveram um rápido ajuste e recuaram os seus níveis. Agora, passados pouco mais de dois anos, uma nova onda de aquecimento varre as bolsas operadoras de algodão, milho e soja, para citar alguns produtos importantes da safra brasileira de verão.

Para os agricultores nacionais, esse cenário atraente veio em boa hora, uma vez que coincidia com o plantio da safra 2010/11. Assim, depois de um período de estabilidade na área total de plantio, desde a safra 2004/04, quando atingiu área recorde, assiste-se a uma expansão, na esteira do algodão e da soja. O milho 1ª safra persiste na tendência de queda, mas com mais espaço para ser ocupado na safra de inverno. As dúvidas consistem no impacto do fenômeno climático *La Niña* sobre o desenvolvimento vegetativo das lavouras, em fase mais crítica em termos de exigência de umidade a partir deste mês. Uma dose forte do humor das bolsas virá de como esse quadro se comportará. Por outro lado, a política monetária deverá sofrer alteração, com controle de demanda feito através da restrição do crédito e não mais aumento da Selic. De modo geral, isso será positivo para a economia e para os produtores do agronegócio.

Como desdobramento das consequências dos fenômenos ligados às mudanças globais no clima, o Fórum da Abag chamou a atenção para a questão dos chamados Eventos Extremos, que podem acontecer na forma de enchentes, secas prolongadas, ondas de calor, tufões e tornados. Em muitos casos, é possível prever a probabilidade e as localizações geográficas onde os eventos extremos poderão ocorrer. O problema é que, em função das mudanças climáticas provocadas pelo homem, a sua frequência e a sua intensidade aumentaram. Quais as políticas e as tecnologias para o agronegócio conviver com essa realidade?

Assim, há o registro dos fenômenos ocorridos nesses últimos dezoito meses: monções na Índia, afetando a produção de açúcar; seca no Leste Europeu, quebrando a produção de trigo; inundação no Paquistão, reduzindo a oferta de arroz; seca no Canadá, diminuindo a colheita de grãos; a China, no ano passado, depois de mais cem dias de seca, comemorou com tiros de canhão a primeira chuva que caiu sobre Pequim.

Como exemplo recente e marcante de evento climático extremo, temos a devastação provocada pelo Furacão Katrina, ocorrida em New Orleans, nos Estados Unidos, em agosto de 2005. Esses acontecimentos promovem reações nas bolsas em tempo real.

Agronalysis mostra o caderno especial da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) com dois assuntos bem do momento. O primeiro trata de seu projeto junto ao continente africano para a pesquisa, o desenvolvimento e a inovação no campo da agricultura tropical. Essa ação faz parte das diretrizes da política externa do governo federal para melhorar os índices africanos quanto à deficiência de alimentos, a tomar por base o seu crescimento populacional. O fortalecimento da cooperação técnica e a maior aproximação com instituições africanas começaram em 2006.

O segundo tema se refere à nanotecnologia, presente nos *chips* e nas memórias dos computadores, em vários equipamentos eletrônicos, com impacto em todas as áreas de aplicação como engenharia, medicina, veterinária, educação e agricultura, entre outras. As oportunidades de investimentos são muitas, especialmente no campo da pesquisa. Com investimentos nessa área desde a segunda metade da década de 90, a Embrapa coordena uma rede nacional que congrega institutos de pesquisa e universidades, além de contar, desde 2009, com o Laboratório Nacional de Nanotecnologia para o Agronegócio, em São Carlos (SP), localizado na Embrapa Instrumentação.

Também ligado aos trabalhos no território da ciência e pesquisa, o Brasil mostra avanços importantes na biotecnologia. Em 2010, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) fez oito liberações de cultivos comerciais para soja, milho e algodão, além de outras três referentes a vacinas e uma levedura. Com essas aprovações, o Brasil já tem à disposição 27 eventos agronômicos liberados. O destaque é para essa levedura modificada para produção de óleo diesel a partir da cana-de-açúcar. Para 2011, a expectativa é de que haja mais aprovações relacionadas a eventos de milho e de algodão, e possivelmente também do feijão transgênico.

Para terminar, matéria sobre a Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (CCNUCC), a chamada COP-16, realizada em Cancún, no México. Os passos dados são lentos, mas a frustração foi menor em relação à COP-15, em Copenhague, quando se esperavam grandes mudanças, diante da maior presença histórica de líderes mundiais em um só evento. Foi assim também, nesse compasso, a Conferência das Partes sobre Biodiversidade Biológica, realizada um pouco antes, em Nagoya, no Japão. O mundo entra em 2011 com os fóruns de negociações internacionais carentes de alta dose de revitalização. ■